PRYYHREJARA WIRAMIRI

FORMAÇÃO EM GESTÃO AMBIENTAL E TERRITORIAL

Pryyhejara Wiramiri
Formação em gestão ambiental e territorial

Apresentação:

Esta publicação foi elaborada enquanto parte do curso em gestão territorial e ambiental, Pryyhrejara Wiràmiri, direcionado para representantes de povos indígenas – Krahô, Apinayé, Krikati, Gavião Pyhcop Catiji, Canela Apanjekrá, Canela Memortumré, Guajajara-Tenetehara e Ka'apor - comunidades tradicionais, sociedade civil e agentes públicos que atuam nos estados do Maranhão e Tocantins para uma formação básica sobre a Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental – PNGATI e outros temas associados à gestão territorial e ambiental sustentável de terras indígenas, e o direito à terra dos povos indígenas e comunidades tradicionais.

O processo formativo foi realizado entre os meses de março e dezembro de 2021, em uma plataforma digital de educação à distância (EAD), pela qual foi possível reunir remotamente mais de 100 cursistas, professores e convidados e desenvolver conteúdos estruturados em quatro módulos temáticos, com a participação de facilitadores indígenas e não indígenas.

A conclusão do curso contou com a elaboração de trabalhos finais sobre temas diversos relacionados aos territórios, seus históricos de luta pelas demarcações e estratégias atuais para a gestão territorial e ambiental. Os cursistas se organizaram em grupos e realizaram pesquisas, entrevistas, sistematização de informações e consolidaram seus trabalhos em formatos escritos ou audiovisuais.

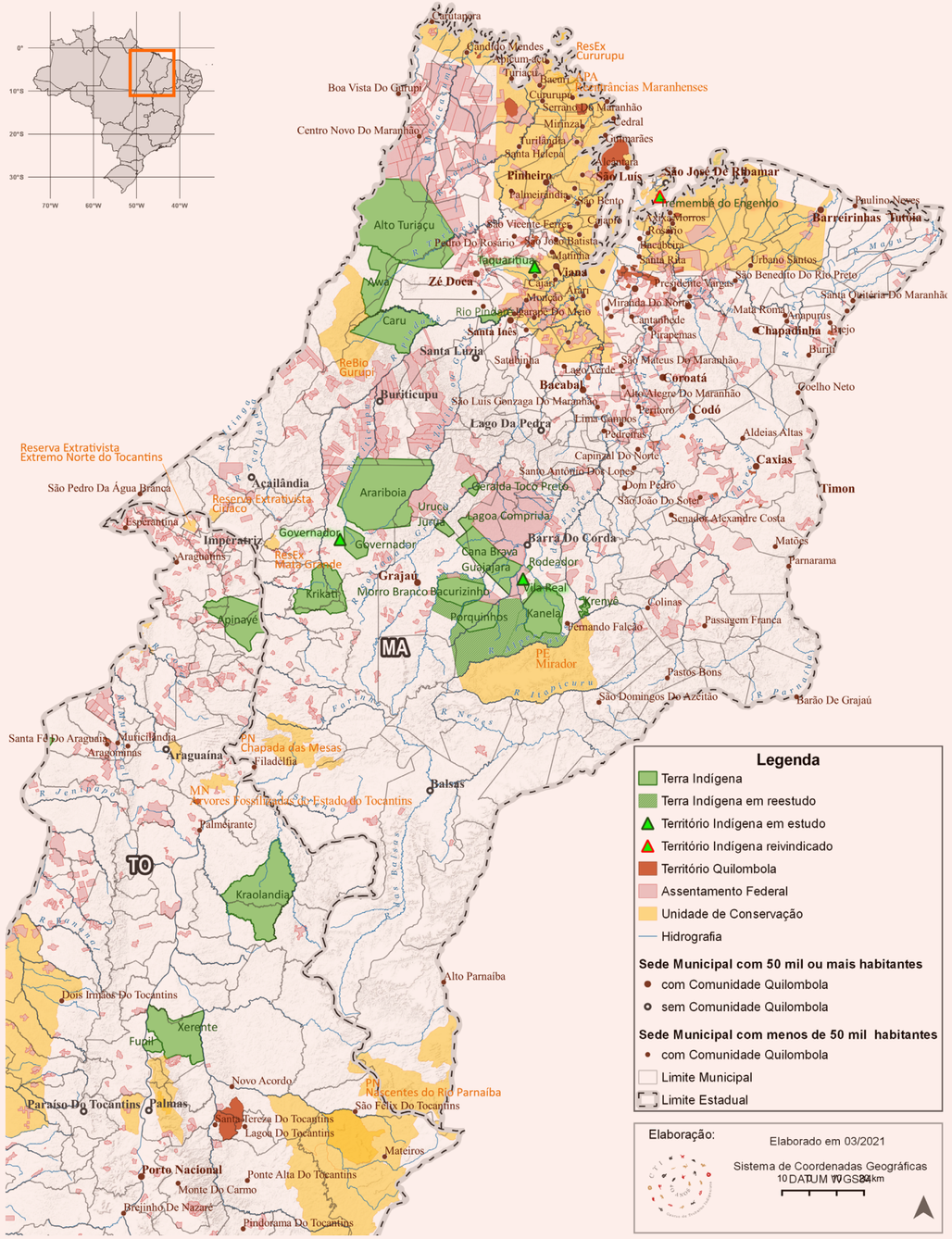
É no sentido de disseminar os trabalhos finais entre os próprios cursistas que esta publicação foi pensada, trazendo um resumo dos temas e questões refletidas pelos grupos. Esperamos que este material contribua para a troca de informações, experiências e construção de alianças entre os indígenas e comunidades tradicionais para a gestão sustentável de seus territórios.

O curso Pryyhrejara Wiràmiri é uma iniciativa do Centro de Trabalho Indigenista – CTI; Instituto, Sociedade, População e Natureza – ISPN, Associação Wyty Catë das Comunidades Timbira do Maranhão e Tocantins, Coordenação das Organizações e Articulações dos Povos Indígenas do Maranhão – COAPIMA, Articulação das Mulheres Indígenas do Maranhão – AMIMA; no âmbito do projeto "Gestão Ambiental e Territorial Integrada de Terras Indígenas na Amazônia Oriental, com o apoio da USAID. Também contou com a parceria junto à Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, certificando o curso como extensão universitária.

Agradecemos pelo esforço de todas e todos e desejamos boa leitura!

Equipe pedagógica do Curso Pryyhrejara Wiràmiri

Áreas Protegidas e Assentamentos Federais: Panorama Fundiário do Maranhão e Norte do Tocantins



A luta pela vida: características do povo Tentehar Guajajara, Terra Indígena Cana Brava

Grupo 1:

Magno M. L. Guajajara, Ozany Rosa de Assis
e Michelly C. Guajajara Lima

O trabalho tem como objetivo apresentar as principais características do povo Tentehar Guajajara da Terra Indígena Cana Brava, localizada na região central do Maranhão, e a luta pela vida nesse território. O grupo organizou a apresentação em tópicos acompanhados de imagens referentes a cada assunto abordado. A parte introdutória traz uma visão do povo Guajajara, sua história de contato com os brancos e as consequências dessa relação, em sequência, apresentou-se a questão do nome Guajajara, sua origem e significado. O tópico subsequente geolocalizou a TI Cana Brava. Quanto às atividades econômicas, foram apresentados os principais produtos e onde ocorre a comercialização, além das outras atividades exercidas pela região. Ao abordar a valorização da cultura, o grupo mostrou as festas tradicionais, a relação entre as atividades produtivas e a cultura, bem como os aspectos da educação indígena, como ensino da língua materna e a história do povo. Quanto à gestão territorial, foram expostas as estratégias de conservação e proteção ambiental para a manutenção dos recursos que proporcionam a vida plena no território, além dos mecanismos de valorização da cultura por parte da juventude. A exposição termina com o tópico intitulado resistência e a afirmação de que a luta travada na TI Cana Brava é, e sempre será, pela vida, e não apenas pela sobrevivência.

Agroecologia: Fortalecendo os Modos de Vida Sustentáveis na Região do Médio Mearim

Grupo 2:

Pedro P. Saraiva, ildione A. de Sousa e

Maria de Lourdes X. de Messias

Este trabalho foi construído de forma coletiva e apresentou como resultado final a realidade de três famílias que vivenciam a agroecologia na região do Médio Mearim. Por ser um grupo formado por integrantes de municípios diferentes, foi possível que cada um acompanhasse uma família e descrevesse as especificidades de cada vivência observada. A primeira experiência descrita foi a dos familiares de uma aluna da Escola Família Agrícola, que desenvolve educação do campo com a pedagogia da alternância e valorização da produção agropecuária sustentável, localizada no povoado Centro do Agostinho, Lago da Pedra - MA. A propriedade familiar da aluna acompanhada adota vários sistemas agroecológicos. A segunda experiência contada foi a do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu – MIQCB, desenvolvido por Sebastiana Gomes Sirqueira, da comunidade Centrinho do Acrísio, município de Lago do Junco. A última experiência apresentada foi a da família do casal Reinaldo e Elisângela, moradores do Centro da Josina São Luís Gonzaga - MA. Para os autores, a participação no curso de Gestão Ambiental Territorial oportunizou trocar conhecimentos e quebrar paradigmas sobre os variados modos de vida, além de representar a esperança e o fortalecimento de povos e culturas diferentes que lutam pelo mesmo objetivo: o bem viver de todos os seres vivos.

Contos, cantos e encantos: o rito de Mãe D'água como referência para a gestão do Território Tentehar Arariboia

Grupo 3:

Cíntia Maria S. da Silva, Cleidson P. Marinho e Suluene S. da Silva

O trabalho procura apresentar o rito de Mãe D'água como referência para a gestão do Território Tenetehar Araribóia, situado na porção amazônica do Maranhão. Na terra indígena Araribóia estão presentes além dos Guajajara, o povo Awa Guajá e Awá isolados. A introdução do trabalho é composta por uma breve apresentação do território, sua localização, os cultivos e as formas de manejo das lavouras, as atividades tradicionais, os dois principais riachos, que servem para pesca e lazer, e o sagrado Lago Branco. A exposição é enriquecida visualmente por fotos do arquivo pessoal dos integrantes do grupo. O desenvolvimento da proposta central do trabalho tem como ponto de partida a explicação do Projeto Grande Carajás e das consequências negativas do empreendimento na TI Arariboia, como desmatamento, incêndios, pecuarização e poluição de margens e nascentes de cursos d'água. Em contraposição às problemáticas narradas, o grupo mostra a capacidade de resistência do povo através do reflorestamento da área próxima aos riachos, de forma a buscar a revitalização tanto na dimensão física quanto na espiritual, uma vez que, de acordo com anciões e anciãs, haviam pessoas que invocavam a Mãe d'água em locais próximos aos riachos, desde que bem preservados. Para os autores, o registro audiovisual desse rito reforçaria aspectos das relações socioambientais e de valorização da cultura local. A partir dessa proposta, gravou-se uma prévia do documentário Contos, Cantos e Encantos: o rito de Mãe d'água, com falas, na língua tradicional, de anciãs Tentehar sobre os aspectos ritualísticos, as místicas e crenças acerca dos espíritos e dos encantados das águas.

Lixo zero na Aldeia Velha Pac Ré

Grupo 4:

Ruth P. Canela e

Fernando T. Canela

A pesquisa-ação foi feita na escola indígena Amidipe Canela, localizada na Aldeia Velha Pac-ré, na Terra Indígena Kanela, no estado do Maranhão. O objetivo do trabalho é aprofundar a problemática do lixo nas aldeias, mobilizar a comunidade para atuar no descarte apropriado dos resíduos e promover a colaboração com outras aldeias sobre o tema a partir da experiência na Pac-ré. A sensibilização da comunidade foi feita através de entrevistas, produção de materiais em foto e vídeo, palestras e visitas de casa em casa para conversar sobre o impacto do lixo no meio ambiente e como ocorre a coleta de lixo na comunidade. Em todos os momentos contou-se com a participação e apoio de profissionais da saúde e lideranças da aldeia. A execução do trabalho teve apoio completo do povo, na Aldeia Velha há uma forte valorização de iniciativas que tenham como pano de fundo de atuação temas ambientais e que trabalhem questões relacionadas ao aquecimento global e o bem viver na floresta. Após a mobilização, foram realizadas oficinas práticas com os alunos da escola Amidipe Canela e seus familiares, com o registro fotográfico dessa ação de limpeza do território. O trabalho demonstra que para a construção de um ambiente saudável e limpo é fundamental o engajamento e apoio de toda a comunidade.

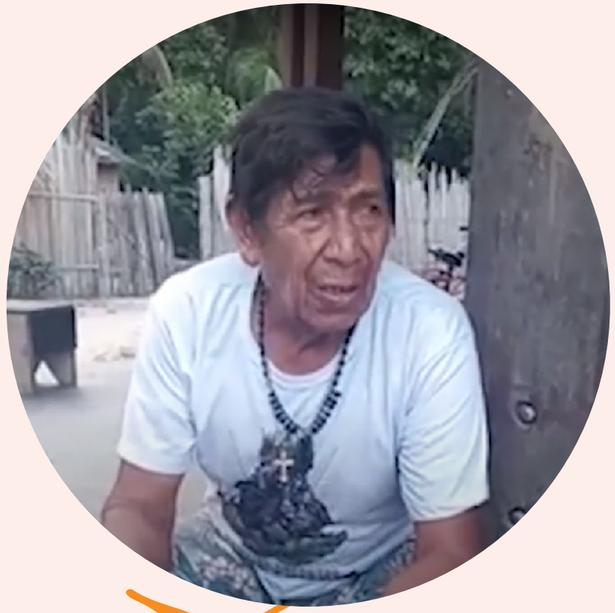
Atuação da Juventude: gestão dos territórios, na luta por direitos e nas políticas públicas

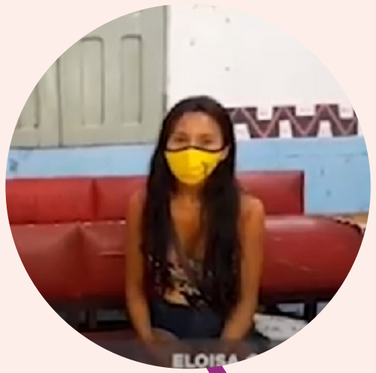
Grupo 5:

Carmilene B. Guajajara e

Francisco C. Sousa

Como trabalho final, o grupo produziu uma peça audiovisual de 25 minutos, formada pela compilação de entrevistas com diferentes lideranças, complementadas por arquivos de imagem e vídeo que exemplificam alguns momentos narrados pelos entrevistados. O tema norteador para as entrevistas foi a importância da atuação da juventude na gestão dos territórios. Em ordem, aparecem na gravação, Cacique Domingos Guajajara, da Aldeia Areinha; Arlete Guajajara, presidenta da Associação Comunitária Mainumy, da Aldeia Januária; Cacique Arismar, da Aldeia Tabocal; Benedita Meireles Guajajara, presidenta do conselho de mulheres, da Aldeia Tabocal; e Eloisa Guajajara, assessora técnica da Associação Indígena Uirapuru, das Aldeias Areão e Tabocal. Os entrevistados e suas aldeias estão localizados na Terra Indígena Rio Pindaré, no norte do Maranhão. Considerando que cada orador trouxe perspectivas próprias e múltiplas a partir da realidade específica vivenciada e de seu papel na comunidade, um entendimento comum a todos é a atuação da juventude como um garantidor da resistência e da memória do povo,na gestão e defesa do território. Com o envolvimento dos jovens, há a manutenção dos conhecimentos passados pelos mais velhos, as histórias das lutas e dos desafios da demarcação, que subsidiam os comportamentos perante as dificuldades atuais. A participação e organização da juventude, em especial das mulheres que têm ocupado novos papéis, são fundamentais para o funcionamento de iniciativas de proteção ambiental que têm impactado na recuperação do território e do bem viver na terra.





Nascentes da Terra Indígena Porquinhos

Grupo 6:

Danilo R. Canela e

Janary L. Canela

O trabalho realizado pela dupla aborda a situação das nascentes da Terra Indígena Porquinhos. Na introdução, os autores se apresentam como Apanjekrá, habitantes da Aldeia Porquinhos e destacam a informação de que foram escolhidos pela comunidade para realizar o curso de gestão ambiental e territorial. A metodologia utilizada para execução do trabalho foi a pesquisa de campo, em que os dados sobre as nascentes foram coletados, inicialmente, em conversas com os mais velhos, para que através da memória se fizesse a comparação entre como era no passado e como é hoje. Em seguida, foram feitas visitas a algumas das nascentes em locais de roçado, nas quais observou-se desrespeito aos limites das áreas de nascentes, que são prejudicadas pelos indígenas que ateiam fogo nas roças, afetando de forma direta as minas de água. Durante as visitas foram feitos registros fotográficos que compõem a parte visual da apresentação, além de dois mapas, um de satélite e outro desenhado a mão. Após a pesquisa, os autores escolheram duas nascentes próximas à Aldeia Porquinhos para implantar iniciativas de proteção e recuperação, os dois locais escolhidos foram a nascente do Buriti Alegre e kri Jõ kô tuj xà, que possuem como principais motivos de enfraquecimento a construção de estradas e plantio de roças nas cabeceiras. Para o grupo, a defesa da água é a defesa da vida de plantas, animais e, principalmente, dos indígenas da região.

A luta e a resistência do Povo na defesa do território Krahô

Grupo 7:

Idiahena A. Krahô, Sidinei P. Krahô
e Sivaldo P. Krahô

Os integrantes do grupo são do Povo Krahô e vivem em diferentes aldeias da Terra Indígena Kraolândia. Eles fizeram entrevistas com lideranças de suas aldeias e gravaram em formato de vídeo, a maior parte na língua Krahô. As entrevistas foram feitas com o Eusébio Pêp-hà Krahô, liderança da aldeia Capitão do Campo, Derlindo Hühkop Krahô, liderança da aldeia Cachoeira e a anciã Valdeci Cômcà Krahô, liderança da aldeia Pé de Coco. O tema do trabalho final foi a luta e a resistência do Povo na defesa do território Krahô. Os entrevistados contaram sobre os embates com os colonos da frente expansionista, e em especial sobre um massacre que o Povo Krahô sofreu no início dos anos de 1940. Eles contam que numa madrugada, na aldeia Cabeceira Grossa, fazendeiros e seus capangas mataram velhos, mulheres, crianças, e até mesmo o cacique Balbino, liderança muito importante. Alguns jovens conseguiram fugir. Dos que sobreviveram, entre eles o guerreiro João Canuto e o Aleixo Pohi, criaram novas aldeias e, através da luta pela demarcação da Terra indígena, expulsaram os invasores não indígenas. A Terra Indígena Kraolândia fica no Tocantins, foi homologada em 1990, tem hoje cerca de 3 mil pessoas que vivem em uma área de 303 mil hectares. Atualmente a Terra está sofrendo muita pressão em seus limites, de madeireiros; caçadores; das fazendas de eucalipto, de soja, de algodão; carvoarias, as águas estão ficando contaminadas pelos agrotóxicos lançados nas imediações. Mas o Povo Krahô resiste, canta, planta, luta e conta histórias!

História de luta pelo direito à terra: aprendendo com os mais velhos e sábios

Grupo 8:

Marília B. L. Guajajara, Dimarães V. S. Guajajara e Jean Pierr de S.V. Figueiredo

O trabalho tem como objeto específico de estudo os relatos de mobilização e resistência dos ancestrais das Terras Indígenas Rio Pindaré e Morro Branco, de forma amplificada, os autores abordam também a questão das terras indígenas na Constituição Federal de 1988, dados da Funai sobre os povos indígenas no Brasil e falas da antropóloga Alcida Ramos sobre a relação das sociedade indígenas com a terra. Entrando no escopo específico do trabalho, foi feita uma apresentação geográfica da TI Rio Pindaré, acompanhada do mapa da região. Sequencialmente, abordou-se a problemática da desvalorização da língua materna, devido a intensidade e tempo de contato com os karaiw, ressaltando a importância da presença dos mais velhos e de seus relatos no combate a esse processo de desaculturação da juventude. A fala do Cacique Domingos Guajajara, da aldeia Areinha, complementa a questão anterior, acrescentando a necessidade dos mais jovens conhecerem os limites do território. Partindo para a TI Morro Branco, foi apresentado o histórico da homologação e o mapa do território, em seguida, foi apresentada a história do Centro de Ensino Djalma Marizê Filho. A fala de Marília Guajajara trouxe os riscos que a comunidade têm sofrido pela proximidade com os centros urbanos. Na conclusão, o grupo trouxe lideranças importantes, como a Anmiga - Articulação das Mulheres Guerreiras da Ancestralidade, Sônia Guajajara, Cacique Raoni Metuktire e o líder espiritual Tàmui Vicente Hamua'i Guajajara.

GRAFISMOS APINAYÉS: UMA MIRADA A PARTIR DOS SABERES ANCESTRAIS DAS MESTRAS E MESTRES DOS SABERES

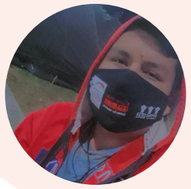
Grupo 9:

Érika R. C. Antunes, Luís D. S. Apinajé e Rejane C. M. de Almeida

O artigo analisou os grafismos apinayé, as duas metades, enquanto produção de ancestralidade das mestras e dos mestres dos saberes, no entendimento de que a partir dessa produção elabora-se territorialidades. O campus da pesquisa foi a Aldeia São José – TI Apinayé – Tocantinópolis – TO. Os participantes foram crianças, jovens, anciães e anciões da aldeia. A metodologia desenvolvida foi História oral com história de vida que possibilita a troca de saberes intergeracionais. O grupo desenvolveu duas oficinas, a primeira com cinco anciãos e três jovens, na aldeia São José com o registro de desenhos representativos do território onde ocorreu a pesquisa. No mapa foram registrados os elementos constitutivos da territorialidade da cultura apinajé. Na segunda oficina, o grupo organizou uma roda de conversa com jovens e anciãos com temas geradores. Esta atividade foi desenvolvida no decorrer de um dia. Também foram feitas cinco entrevistas semiestruturadas de história de vida das anciãs e anciões, que participaram da pesquisa. Os resultados parciais que o grupo obteve indicam que no contexto atual, a juventude está sendo influenciada por outros grafismos, pois desconhece a tradição, copiam as pinturas de outras etnias, buscando até grafismos fora do país.

Gestão territorial na TI Krikati

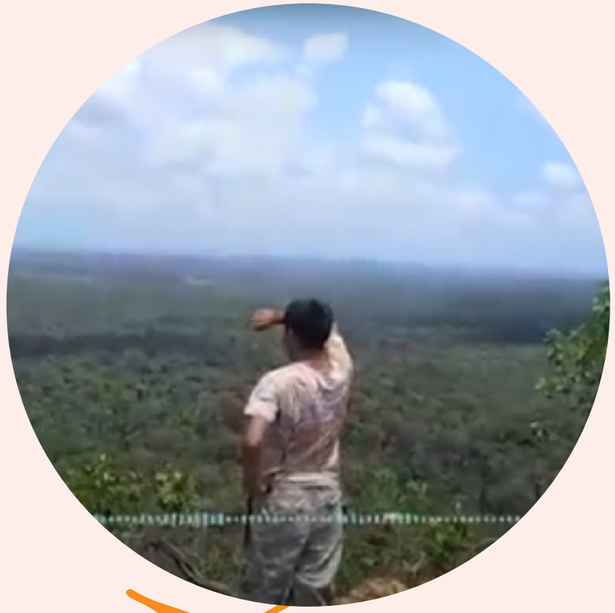
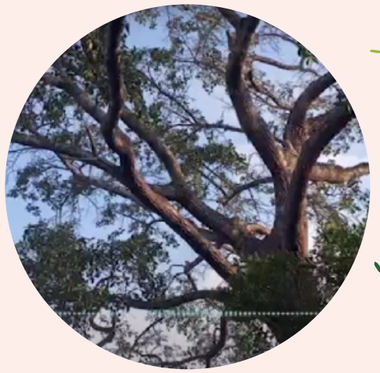
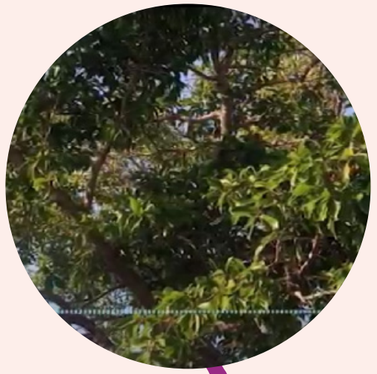
Grupo 10:



Celiana C. Krikati, Ezequias B. M. Krikati,

Letícia A. T. M. Krikati e Ronildo P. Krikati

O grupo, constituído por jovens Krikati das aldeias São José e Jerusalém, escolheu gestão territorial como tema de pesquisa e a Terra Indígena Krikati, local onde habitam, como objeto de estudo. O resultado do trabalho foi apresentado no formato audiovisual. O vídeo se inicia com a apresentação dos integrantes e sua localização no território, em seguida, aborda-se a problemática central a ser discutida: a desintrusão do território. A desintrusão é uma medida legal tomada para concretizar a posse efetiva da terra indígena a um povo, depois da etapa final do processo. É um instrumento jurídico para garantir a efetivação plena dos direitos territoriais indígenas, por meio da retirada de eventuais ocupantes não indígenas. A TI Krikati é uma terra demarcada e homologada em fase de regularização, porém o processo está paralisado na justiça até segunda ordem. A preocupação do grupo é o retorno dos não indígenas à área e como eles têm proibido os indígenas de caçar e pescar através de ameaças constantes, e como essas atitudes se relacionam a crença dos brancos na tese do marco temporal e na aprovação do PL 490. Complementa o trabalho a reprodução dos relatos de uma anciã Krikati e de uma liderança.

Guerreiras da floresta: linha do tempo

Grupo 11:

Ana R. Marques, Cilene Guajajara, João R. Guajajara,
Maisa C. Guajajara, Marcilene Guajajara, Taíse Ribeiro

O trabalho conta a história das Guerreiras da Floresta através de uma linha do tempo. As Guerreiras são um grupo formado por 25 mulheres, jovens e anciãs, que fazem parte do povo Guajajara e habitam a Terra Indígena Caru. Este território também é compartilhado com os Awa Guajá, um povo isolado e de recente contato. O objetivo do projeto é contar a história, demonstrando o importante papel das Guerreiras da Floresta na proteção territorial, vigilância e sensibilização no entorno da TI Caru. O trabalho foi elaborado a partir de entrevistas, fotos com textos, visitas a campo e revisão bibliográfica em materiais já existentes sobre as Guerreiras da Floresta, tais como relatórios, artigos, matérias de jornais, dentre outros. O trabalho teve as seguintes etapas: coleta desse material, organização de um pequeno roteiro contendo pontos principais de destaque nesse histórico, montagem da linha do tempo no programa elencado para o trabalho, revisão do material, finalização e publicação da linha do tempo na plataforma do curso. A expectativa do grupo com este trabalho é servir de inspiração e referência para outras organizações de mulheres que desenvolvem trabalhos de cuidados e de proteção dos seus territórios.

Iniciativa de Gestão Ambiental: Reflorestamento e recuperação de nascente na Aldeia Escalvado

Grupo 12:

Carloman K. Canela, Inaldo Canela,

Jucicléia R. Canela e Silvano K. Canela

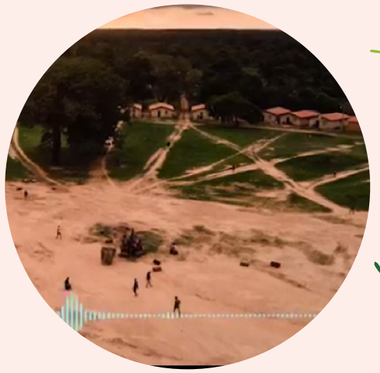
Os integrantes do grupo são do Povo Memõrtumre-Kanela e vivem na Aldeia Escalvado da Terra Indígena Kanela, município de Fernando Falcão. A TI Kanela fica no Cerrado maranhense, foi homologada em 1982, tem hoje cerca de 2.500 mil pessoas que vivem em uma área de 125 mil hectares. O objetivo do grupo foi realizar o reflorestamento das margens da única nascente que passa pela Escalvado, evitando que ela seque. A recuperação do volume de água é fundamental para a manutenção das atividades cotidianas na comunidade. Para a concretização do projeto, o grupo contou com o apoio do Centro de Trabalho Indigenista na construção de um viveiro de mudas para o plantio próximo à nascente. O trabalho está no formato de vídeo, o que permite vislumbrar as várias relações dos Memõrtumre-Kanela com o brejo e as principais preocupações com relação ao nível da água. Aparecem no vídeo os integrantes do grupo e também o depoimento e canto do ancião Francisquinho Tep Hot Canela. A preservação da nascente, para além das contribuições dos parceiros, é uma conquista do povo da Aldeia Escalvado, que vê na água fonte de vida.

Atuação das mulheres indígenas na luta pelo direito ao território

Grupo 13:

Ana M. C. Krikati, Eliton P. S. M. Gavião e Glaucia C. Krikati

O trabalho apresentado pelo grupo está no formato de áudio, um manifesto sobre a atuação das mulheres indígenas na luta pelo direito ao território e na proteção dele. A narradora coloca que um objetivo geral e comum às mulheres indígenas de sua comunidade é a busca por ocupar ambientes institucionais de discussão que as permitam alertar ao mundo sobre a necessidade da demarcação do território para a proteção da vida dos povos indígenas e do futuro do planeta. As guerreiras indígenas se posicionam de forma contrária às supostas inovações tecnológicas que repetem a mesma lógica destrutiva do capitalismo que vivemos nos últimos séculos e que contribui para as mudanças climáticas, criticam quaisquer soluções que não reconheçam os povos indígenas e comunidades tradicionais como ponto fundamental na defesa da floresta, ainda mais que essa proteção muitas vezes custa as vidas dos parentes. Além da luta pelo território, os povos indígenas sofrem ainda com o preconceito e com inúmeras violências, inclusive contra as mulheres. As batalhas enfrentadas pelas mulheres Krikati, povo ao qual a narradora pertence, são pela terra, pela floresta em pé e pela vida sem violência e elas se manifestam e se unem para cobrar das autoridades a garantia dos seus direitos.



Seguindo os passos da ancestralidade: O que é ser jovem para o povo Tentehar?

Grupo 14:

Bruno C. V. Guajajara e

Taynara C. Guajajara

A pesquisa realizada pelo grupo trata sobre os Kwareaher wà (moças e rapazes) da Terra Indígena Rio Pindaré e sua importância no contexto geral do povo Tentehar. A pesquisa, que tem como título “Seguindo os passos da ancestralidade”, optou pelo tema da juventude a partir de diálogos e questionamentos sobre o que é ser jovem para o povo Tentehar e como a participação desse segmento do povo tem acontecido no decorrer do tempo, comparando passado e presente. Antes de adentrar no tema específico, o grupo apresenta brevemente a TI Rio Pindaré e as principais dificuldades enfrentadas. As técnicas de pesquisa utilizadas foram o diálogo semi estruturado e a gravação de entrevistas em vídeos com os anciãos e jovens da comunidade. O roteiro elaborado continha as seguintes perguntas: O que é ser jovem para o povo Tentehar? A palavra jovem existe no contexto do povo Guajajara? Hoje a juventude está mais envolvida nas questões gerais da comunidade? Você se define como jovem? Por quê? O objetivo do grupo é compreender, nesse contexto sociocultural, como as construções dos ciclos vitais acontecem e como contribuem para as configurações do povo. Em sequência, são apresentados os principais rituais dos Tentehar da TI Rio Pindaré e os depoimentos de dois representantes da juventude. A conclusão do trabalho propõe o debate da questão do que é ser jovem para o povo Guajajara.

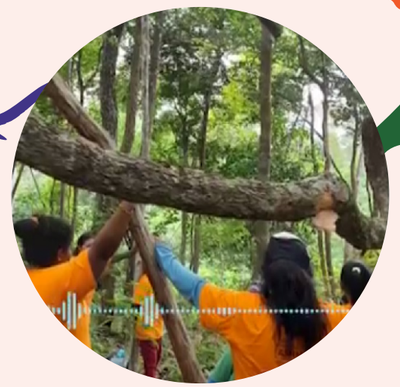
Gestão territorial da Terra Indígena Governador

Grupo 15:

Daniela B. G. Gavião e

Maria Helena G. Gavião

O trabalho está no formato audiovisual, com a narração de uma das integrantes do grupo combinada a exibição de fotos e vídeos que se relacionam ao que está sendo falado. O objeto da apresentação é a Terra Indígena Governador, no município de Amarante do Maranhão, lar dos povos Gavião e Guajajara. O histórico de homologação da terra, a luta dos anciãos e anciãs com os não indígenas pela demarcação é apresentado brevemente, bem como as tentativas de revisão do território. Em seguida, a narradora fala da criação grupo de guardiões para a realização do monitoramento territorial da TI Governador, que enfrenta dificuldades no exercício de suas ações. A existência dos guardiões motivou que as mulheres criassem uma brigada voluntária para também ajudar na vigilância e proteção da terra ao combater o fogo, além de ser uma forma em que as mulheres pudessem se estruturar internamente. Com essa organização recente, as mulheres gavião já colocaram em prática ações relevantes, como a construção de um viveiro e a coleta de sementes nativas que estavam em risco de desaparecer do território.



Alternativa ecológica de gestão ambiental: remédios do mato

Grupo 16:

Alixeya P. T. de Sousa e

Arlete Bandeira

O trabalho é uma produção audiovisual sobre a medicina tradicional e plantas medicinais utilizadas culturalmente pelos povos indígenas. As duas integrantes do grupo, uma indígena e outra não indígena, são gravadas enquanto caminham por um roçado em que há a plantação de insumos que podem ser utilizados como remédios caseiros. São apresentados os nomes dos plantios, em português e na língua indígena, a forma com que é feito o preparo das plantas e para qual mal estar elas podem ser utilizadas. Todas as informações são compartilhadas na tela por meio de um diálogo não roteirizado entre as duas mulheres. O vídeo se encerra com um depoimento em prol da valorização do costume de conhecer a natureza e encontrar nela formas de remediar dores e de viver de maneira mais saudável, o que têm se perdido, principalmente entre os mais jovens, devido ao contato mais frequente com os costumes do branco, seus hábitos alimentares e seus tratamentos farmacológicos. Preservar os conhecimentos da medicina tradicional e transmiti-los às futuras gerações é uma forma de garantir a manutenção da cultura e dos saberes dos povos originários, além de ser um mecanismo de luta pela vida plena no campo e na terra.

Reflorestando a resistência

Grupo 18:

Inai'ury Carneiro Pompeu

O trabalho realizado pela cacique da Aldeia Kwarahy, Inai'ury Pompeu, do povo Tentehar Guajajara, teve como base pesquisas realizadas na internet e em campo sobre a Terra Indígena Rodeador. Outro ponto norteador foi a execução e a forma em que está sendo pensado um projeto de reflorestamento nascido na comunidade Kwarahy, que a autora tem o intuito de replicar em toda TI Rodeador. Após a introdução, apresentou-se um mapa da região, seguido dos dados da situação de homologação do território. Foram exibidos, por meio de capturas de tela do site Terras Indígenas no Brasil, a versão da internet sobre as informações relativas ao povo, população e área da TI Rodeador. Quanto à demografia, a informação mais recente, do ano de 2010, disponibilizada pela Funasa é de que há 126 pessoas vivendo na localidade, o que não condiz com a realidade observada pelos indígenas e equipes de saúde que atendem na região, sendo a população real aproximadamente 1.300 habitantes da terra. A apresentação traz também informações referentes ao ambiente físico, como o bioma e hidrografia, e ameaças como o desmatamento, queimadas e invasões. Em contraponto aos ataques à terra, a autora trouxe iniciativas da juventude para a atuação na recuperação da floresta e das águas da região, a experiência foi contada através de imagens das atividades desempenhadas pelos jovens.

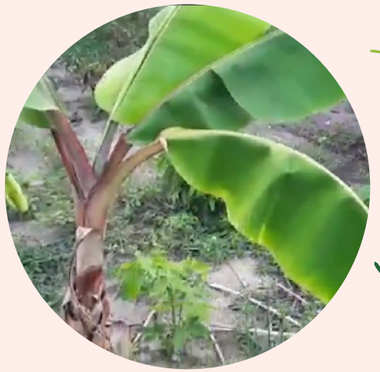
Tradição Ka’apor: Roça Kupixa Pu’a

Grupo 19:

Iracadyu Ka’apor e

Rosilene A. Tembé

Os integrantes do grupo, que fazem parte do povo Ka’apor e vivem no território Alto Turiaçu, elaboraram o trabalho em formato de vídeo, majoritariamente na língua indígena, sobre uma de suas tradições, a Roça Kupixa Pu’a, que envolve trabalho em grupo, sustentabilidade, crença e cultura. A criação da Kupixa Pu’a começa com Küjã Maje, a história de uma mulher que comeu a melancia que não deveria e teve uma cobra em seu ventre. Desde então, o povo Ka’apor passou a fazer a roça circular, respeitando a natureza, os períodos do ano e o “dono da roça”. O objetivo deste trabalho foi apresentar a maneira com que os antigos faziam a Kupixa Pu’a, enfatizando como os mais velhos sempre souberam trabalhar de acordo com a cultura Ka’apor. Atualmente, a Terra Indígena Alto Turiaçu tem várias áreas degradadas que são usadas para fazer roças. Nos arredores dessas áreas, aproveita-se para plantar também algumas frutas nativas, que são muito apreciadas por toda a comunidade e até pelos karai (não indígenas). Os autores relatam ainda o impacto da pandemia e o aumento dos preços como fatores que intensificaram a importância da manutenção da cultura de produção dos próprios alimentos.



Degradação Ambiental na Amazônia Indígena Maranhense: estudo de caso da Terra Indígena Awa como expressão de territorialidades em disputas

Grupo 20:

Jane C. Rodrigues e

Adriana S. de Carvalho

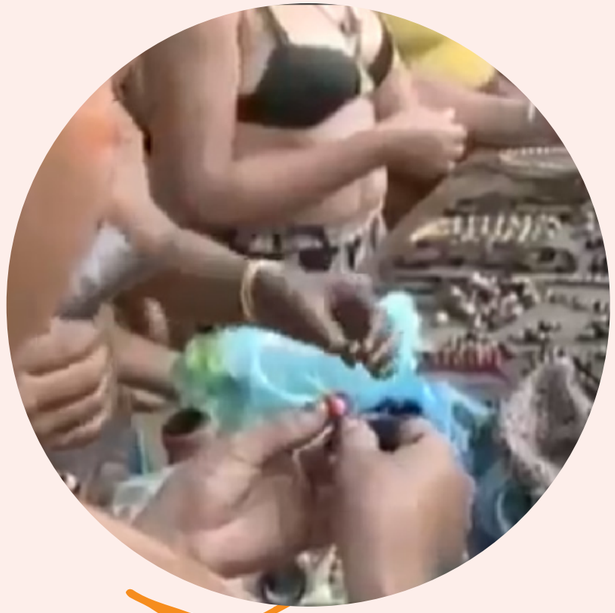
Este breve estudo, analisa algumas causas da Degradação Ambiental na Amazônia Indígena Maranhense, tomando como referência geográfica a Terra Indígena Awa, localizada na porção noroeste do estado. As autoras consideraram o ano de 2015 como ponto de partida desta pesquisa por ser o ano seguinte à desintrusão da TI Awa, concluída em junho de 2014 e o ano de 2021, como referência de corte temporal, dado aos episódios supranacionais (COVID-19), política pública nacional (gestão Bolsonaro) e os Repertórios Institucionais materializados no "Relatório Denúncia" sobre Cadastramento Ambiental Rural (CAR) declarados no interior de Terras Indígenas no Maranhão, produzido pelo Núcleo de Assessoria Indígena (NASSIN) no âmbito da Secretaria de Estado dos Direitos Humanos e Participação Popular (SEDHIPOP) em 2019. Em resumo, o trabalho atingiu os seguintes objetivos: 1.Caracterizar o Cenário de Degradação Ambiental na Amazônia Indígena Maranhense, tomando como referência geográfica a Terra Indígena Awa, considerando as consequências diretas para o Povo Awa Guaja. 2. Mapear às Características Socioeconômicas e Ambientais que estão em curso na área de influência da pesquisa.

Iniciativas de gestão territorial e ambiental na Terra Indígena Geralda/Toco Preto

Grupo 21:

Maiara A. P. Tinbira

O trabalho foi realizado em formato de vídeo, com a narração da autora sobre as lutas enfrentadas na terra Geralda Toco Preto, acompanhada da exibição de imagens relacionadas às histórias contadas. Inicialmente, há a apresentação da narradora e do território, seu tamanho e localização geográfica. Em sequência, a narradora apresenta os principais desafios que têm preocupado o seu povo em 2021. São citadas as invasões de caçadores, pescadores e madeireiros no território e o surgimento e propagação de novas variantes do coronavírus, causador da pandemia que se iniciou em 2020 e que persiste como uma ameaça relevante no momento em que o trabalho foi produzido. As lutas no território para a constituição de um grupo de guardiões da floresta e uma equipe de brigadistas para prevenir os grandes incêndios que acometem a região também foram mencionadas. A defesa dos direitos originários e da terra são motivos de força para os habitantes da Geralda Toco Preto, mesmo com as ameaças enfrentadas. Outro ponto levantado como uma dificuldade a ser superada é a perda da língua materna, sendo que apenas 4 pessoas sabem se comunicar na língua tradicional. O vídeo se encerra com a menção ao esforço que toda a comunidade tem feito para aprender e preservar a língua indígena.



Iniciativa e conscientização para gestão ambiental e territorial: formações de base e fortalecimento dos esteios para preservação do bem viver

Grupo 22:

Kunã Yporã Tremembé

Raquel Aguiar

O trabalho trata da importância da gestão ambiental e territorial para o fortalecimento das lideranças locais, através da formação de uma base de guerreiras e guerreiros aptos a lutarem pela preservação dos direitos e dignidade do povo Tremembé, localizado na Terra Indígena Engenho, no município de São José de Ribamar/MA. Estruturado no formato de relatório, o trabalho é composto pela apresentação dos aspectos físicos e sociais do território, o histórico da ocupação da terra, incluindo a retomada ao solo sagrado após reintegração de posse, e relatos dos processos de resistência do povo diante das invasões constantes, da especulação imobiliária e da crescente violência causadas pelo capitalismo predatório que tem pressionado as terras indígenas. O relatório é complementado por falas de moradores da TI Engenho, coletadas pela autora em momentos de escuta e em conversas sobre iniciativas de gestão ambiental e territorial que fortalecem os esteios para a preservação do bem viver. No decorrer do trabalho, são apresentadas fotografias que revelam visualmente a história contada em texto. A conclusão que Kunã traz é de uma luta permanente por seu território, pela demarcação, de forma organizada e unificada por um povo aguerrido, consciente de seus direitos originários e constitucionais.

Monitoramento e Vigilância em Ytapiwa, Terra Indígena Bacurizinho

Grupo 23:

Ronildo M. R. Guajajara

O trabalho conta a experiência de monitoramento e vigilância territorial em Ytapiwa, região delimitada pelos agentes ambientais indígenas que atuam na preservação da área diariamente. Ytapiwa faz parte da Terra Indígena Bacurizinho, que possui cerca de 82 mil hectares e abriga aproximadamente 6 mil Guajajaras, que vivem da caça, roçado e pesca no território, espaço este que enfrenta ameaças constantes, como invasões, desmatamento, extração e venda ilegal de madeira, grilagem. O autor apresenta um mapa da TI Bacurizinho para que se visualize os limites da terra. Ao tratar da região Ytapiwa, informa sobre as espécies de caças que estão ameaçadas de extinção na reserva devido aos caçadores ilegais, além da presença de madeireiros. O grupo de guerreiros envolvido na proteção, todos moradores da aldeia Bacurizinho, é apresentado por meio de imagens, assim como a base Itapiwa, centro de serviço construído em 2020, que conta com energia elétrica e internet para auxiliar na execução do trabalho de vigilância e monitoramento dessa área tão sensível. O autor apresenta uma imagem de satélite na qual está marcada a região de Ytapiwa, os limites da TI e as fazendas próximas, o que enfatiza a importância da atuação dos vigilantes nessa área específica. Complementando a apresentação escrita, foi realizada uma cobertura em vídeo da equipe em atividade na mata em outubro de 2021.

Ficha técnica:

O Centro de Trabalho Indigenista (CTI) é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos, fundada em 1979, constituída por profissionais comprometidos com o presente e o futuro dos povos indígenas. Tem como finalidade contribuir para a autodeterminação dos povos indígenas, colaborando para que exerçam o controle territorial e a gestão ambiental de seus territórios, além de apoiar sua afirmação étnica e cultural.
Para saber mais sobre o CTI, consulte: www.trabalhoindigenista.org.br

O **Instituto Sociedade População e Natureza - ISPN** é um centro de pesquisa e documentação independente, sem fins lucrativos, fundado em 1990. Sua atuação no campo ecossocial tem foco nos povos indígenas, comunidades tradicionais, agricultores familiares e suas organizações. Desde 1990 atua pelo desenvolvimento com equidade social e equilíbrio ambiental, por meio do fortalecimento de meios de vida sustentáveis e estratégias de adaptação e mitigação às mudanças do clima.
Para saber mais sobre o ISPN, consulte: www.ispn.org.br

Projeto "Gestão Ambiental e Territorial Integrada de Terras Indígenas na Amazônia Oriental
Curso à Distância Pryyhrejara Wiràmiri – Formação em Gestão Ambiental e Territorial

Organizações parceiras:

Associação Wyty Cate das Comunidades Timbira do Maranhão e Tocantins

Coordenação das Organizações e Articulações dos Povos Indígenas do Maranhão – COAPIMA

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL

Coordenação do Projeto: Juliana Almeida Noleto, Priscila Chianca e Renato Bock

Equipe Pedagógica: Jaime Garcia Siqueira Junior, Juliana Almeida Noleto, Priscila Pessoa Chianca, Renan Chaves, João Guilherme Nunes Cruz, Vanusa da Silva Lima, Mauro Siqueira, Miriam de Castro, Leonardo Naves, Caroline Yoshida, Clara Vignoli, Amadeus dos Santos, Pollyana Mendonça, Ingrid Weber, Andreza Andrade, Kleber Karipuna, Jonas Polino Sansão e Edilena Krikati.

Cursistas: Alixeya Porto Tinto de Sousa, Adriana Soares de Carvalho, Ana Mouse Cohpyht Krikati, Ana Rosa Marques, Antonio Carlos Araujo da Silva, Arlete Bandeira, Bruno Caragiu Viana Guajajara, Bruno Silva Guajajara, Carloman Koganan Canela, Carmilene Brito Guajajara, Celiana Cypcuyj Krikati, Cilene Guajajara de Sousa, Cintia Maria Santana da Silva, Cleidson Pereira Marinho, Daniela Barros Guilleto Gavião, Danilo Rikur Kanela, Dimarães Guajajara, Edileide Lopes Guajajara, Eliton Paacy Sansão Moreira Gavião, Erika Rodrigues Costa Antunes, Ezequias Borges Milhomem Krikati, Fernando Trho Canela, Francisco das Chagas Sousa, Glaucia Creh'cwyj Krikati, Idiahena Aità Krahô, Ildionê Alves de Sousa, Inai'ury Carneiro Pompeu, Inaldo Canela, Iracadju Ka'apor, Janary Londiko Canela, Jane Cavalcante Rodrigues, Jean Pierr de Sousa Viana Figueiredo, João Reis da Silva Guajajara, Jucicleia Rõrpryhkwj Canela, Katàm Apinajé, Letícia Awju Torino Milhomem Krikati, Magno Machado Lima Guajajara, Maiara Amorim Pereira Timbira, Maisa Caragiu Viana Guajajara, Marcilene Liana Guajajara, Maria de Lourdes Xavier de Messias Neves, Maria Helena Guilleto Gavião, Marília Bento Lopes Guajajara, Michelly Costa Guajajara Lima, Ozany Rosa de Assis, Pedro Pereira Saraiva, Raquel Aguiar Santos, Rejane Cleide Medeiros de Almeida, Ronildo Marizê Ribeiro, Ronildo Poohu Krikati, Rosa Eliana Torres, Rosilene Alves Tembé, Ruth Parkrit Canela, Samuel Lima Guajajara, Sidinei Pohypej Krahô, Silvano Kocjo Canela, Sivaldo Prypoc Krahô, Sulane Ribeiro Lopes Guajajara, Suluene Santana da Silva, Taíse Alini Varão Ribeiro.

Palestrantes colaboradores: Adriana Ramos, Aluisio Azanha, Andreia Bavaresco, Celiana Cypcuyj Krikati, Clodoaldo Corrêa, Erisvan Guajajara, Florbela Ribeiro, Gilvania Ferreira da Silva, Hiparidi Top Tiro Xavante, Ildionê Alves de Sousa, Jonas Polino Sansão, Katam Luís Apinayé, Kleber Karipuna, Marcela Menezes, Marcilene Liana Guajajara, Maria Alaides, Maria Augusta Assirati, Maria Elisa Ladeira, Mariana Guimarães, Maisa Caragiu, Mônica Nogueira, Patrícia Zuppi, Pedro Saraiva, Rosilene Alves Tembé, Sineia do Vale, Siney Ferraz, Sônia Guajajara, Telma Taurepang, Toya Manchineri, Uirá Garcia.

Observadores: Mauro Soave, Thayane Tavares, Paula Sobral Vieira, Masanori Ohashy, Carolina Góes, Ester Oliveira, Fábio Vaz, Júlio Pinho, Luis Alberto Pereira, Manoela Freire, Renato Bock, Vanessa Teruya, Renato Araújo.

Produção: Coletivo 105
Edição de texto: Miriam de Castro
Edição de Vídeo: Leonardo Naves
Diagramação: Alice Ohashy
Fotos cedidas pelo grupo de cursistas do Pryyhrejara Wiràmiri
Apoio: USAID – Do Povo dos Estados Unidos

APOIO:

USAID FROM THE AMERICAN PEOPLE

CTI Centro de Trabalho Indigenista

ISPN INSTITUTO SOCIEDADE, POPULAÇÃO E NATUREZA

Associação Wity Caté dos Povos Timbira do Maranhão e Tocantins

REALIZAÇÃO:

COAPIMA

AMIMA ARTICULAÇÃO DE MULHERES INDÍGENAS NO MARANHÃO

UEMASUL Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Esta revista eletrônica foi possível pelo generoso apoio do povo americano por meio da Agência Norte Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID). Os conteúdos desta publicação são de responsabilidade do Centro de Trabalho Indigenista e não necessariamente refletem a visão da USAID ou do Governo dos Estados Unidos.